

**O VALOR SEMÂNTICO
DOS ITENS LEXICAIS NAS LETRAS DE *FUNK*:
UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Gislene Souza de Oliveira de Camargo (UESB)

gisleneliteratura@ig.com.br

Lucas Santos Campos (UESB)

RESUMO

Através deste trabalho, pretendemos trazer à tona os estudos preliminares realizados no desenvolvimento da dissertação produzida no curso de mestrado profissional em letras – PROFLETRAS - (UESB) uma vez que o trabalho de pesquisa se encontra, ainda, em andamento. O tema elencado para análise é o valor semântico de elementos lexicais empregados nas letras do gênero musical *funk*, enormemente apreciado principalmente por grupos infanto-juvenis e alimentado intensamente pela mídia para as classes populares. Objetivamos, nesse estudo, analisar o valor semântico dos itens lexicais empregados nas letras de *funk* com base nos pressupostos teóricos da linguística cognitiva almejando, assim, detectar as motivações cognitivas que favorecem o processo de formação e interpretação conceptual desses termos (re)criados e utilizados nas letras dessas músicas. Para isso, foram coletados os dados a partir das letras mais populares entre os estudantes do 8º ano da instituição educacional municipal professora Marias das Graças Assis Correia, em Brumado (Ba) durante a realização de uma oficina de audição e interpretação de músicas desse gênero. Esses dados foram analisados nas propostas de Basilio (1987), Abreu (2010), Ferrari (2011), Castilho (2014), Marcuschi (2002), Lakoff & Johnson (1980); Lakoff (1987); Filmore (1982), Croft & cruse (2004), Fauconnier & Turner (2002) considerando as relações metafóricas, metonímicas e a importância dos modelos cognitivos idealizados - MCI, *frame* e esquemas imagéticos assim como a teoria das mesclas para a construção do significado. Confirmamos o que a linguística cognitiva expõe: toda construção conceptual exige um diálogo dos contextos (social e cultural) que abarcam a vivência do indivíduo sendo ele, inconscientemente moldado pelos modelos compartilhados de crenças socioculturais da comunidade que habita e, assim, ocorre a formação de novas conceptualizações a partir dos frames reunidos nos esquemas imagéticos formulados e aplicados na construção dos MCIs que (re)formularão a noção para o conjunto lexical que forma o repertório linguístico de determinada comunidade.

Palavras-chave: Linguística cognitiva. Funk.

Conceptualização. Esquema imagético. MCI. Mesclas lexicais.

1. Introdução

O uso de determinados termos, principalmente os referentes às mulheres, convoca-nos a uma reflexão atenta para a questão da construção conceptual do léxico encontrado na maioria das letras do gênero musical *funk* enormemente apreciado pela população, principalmente infan-

to-juvenil e alimentado intensamente pela mídia para as classes populares. Observamos que o significado desses elementos lexicais, do ponto de vista da tradição moral ocidental permite, na maioria das manifestações da voz masculina, sem desconsiderar algumas participações femininas, a percepção de uma visão depreciativa destinada às mulheres em geral. Tal postura advém das construções mentais de papéis sociais internalizados a partir das experiências sociais transmitidas na educação entre as gerações, perpassando conceitos, visões que são internalizados inconscientemente pelos indivíduos e repetidos nas manifestações diversas, inclusive de cunho artístico como a música e a dança.

É fato que a linguagem humana está relacionada a processos de criação que compõe, forma as experiências; é afirmação do homem como ser atuante no mundo e que vem inquietando gramáticos, filósofos, linguistas, assim como estudiosos de outras diversas áreas há muito tempo, tanto que o registro dos primeiros estudos sobre a linguagem data do século IV a. C, com os estudos de cunho religioso do povo hindu na tentativa de preservar o conhecimento prezado na sociedade da época.

A partir daí, seguem-se, por um lado, estudos linguísticos considerados internalistas que enfatizam apenas as condições biológicas do homem para o uso efetivo da linguagem. Essa perspectiva considerada herdeira das ideias de Aristóteles apresenta-se diluída na Gramática dos escolásticos do período medieval, na tradição da *Gramática de Port-Royal* durante o século XVII, na gramática gerativa de Noam Chomsky, no século XX. Em contrapartida, temos outra perspectiva que defende o papel da linguagem como representante das estruturas formadoras do mundo e, ainda no século XX, temos a tese de Saussure (1916) segundo a qual a linguagem é formada por um sistema de signos que favorece a comunicação humana.

O que desejamos enfatizar, neste artigo e, considerando as criações do léxico fanqueiro, é que os elementos constituintes da linguagem resultam das capacidades cognitivas gerais acrescidas à experiência de vida social, individual e cultural do sujeito. Logo, a linguagem, apesar de nos parecer um tanto estável, é um sistema dotado de flexibilidade e que se adapta às exigências socioculturais através de processos cognitivos aplicados inconscientemente pelos indivíduos em suas relações diárias. Essa é a defesa da abordagem cognitivista contemporânea que vê no processo de categorização a responsabilidade de auxiliar na organização (cognitivo e discursivamente) do mundo em que vivemos.

Então, palavras e frases formam seus significados no contexto, no uso real e significativo, o que implica a ideia de que os conceitos são resultados de modelos, regras criadas culturalmente. Para FERRARI (2011. p. 14),

Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significado, mas orientam a construção do sentido.

Categorização é a faculdade humana de identificação, nomeação, agrupamento de entidades, seres semelhantes (pessoas, objetos, lugares) em grupos, classes específicas detentoras de algum sentido a fim de entender e agir no mundo. Como ilustração, há de se considerar os diversos compartimentos de um guarda-roupa (geladeira, mesas de escritório, armário de cozinha...) pelos quais suas subdivisões mostram uma separação de objetos (roupas, utensílios, vasilhas, joias) planejada de acordo à categorização específica de cada grupo. Como Lakoff ([1987] 1990: 5) afirma,

Categorização não é uma questão a ser tratada superficialmente. Não há nada mais básico do que a categorização de nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Toda vez que vemos algo como um tipo de coisa, por exemplo, uma árvore, estamos categorizando. Sempre que raciocinamos sobre os tipos de coisas - as cadeiras, as nações, as doenças, as emoções, qualquer tipo de coisa - estamos empregando categorias.

A partir dessa maneira de se considerar os processos de categorização, podemos dizer que a linguagem determina ao mundo uma interpretação, uma organização, uma construção. E através desse instrumento, o homem planeja e concebe seu redor, suas relações, seu entorno biopsicossocial.

Nesse sentido, enfocando o tema desse trabalho, quais estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais teriam sido ou são ativados para a criação de termos “qualificadores” encontrados nas letras do gênero musical *funk* como, por exemplo, “tchutchucas”, “popozudas”, “cachorras”, “preparadas, purpurinadas”, filé, patrão, putão, entre outros?

Logo, cabe-nos a investigação do modo como a linguagem contribui para essa realidade através de um aparato teórico- metodológico que nos permita a descrição, a análise desses fenômenos linguísticos levando em alta conta as variáveis situacionais, psicológicas, históricas, biológicas e socioculturais.

Nesse sentido, com a intenção de encontrarmos algumas possíveis respostas a essa indagação, almejamos (i) apresentar um breve relato sobre o gênero musical *funk* por acharmos importante o conhecimento sobre a origem desse estilo e sua constituição lexical; (ii) elencar resumidamente tópicos sobre as bases teóricas da linguística cognitiva, dando maior relevo aos conceitos que fundamentam nosso trabalho para, finalmente, tentar alcançar (iii) algumas respostas para nossas indagações relacionadas à construção conceptual desses termos.

2. O gênero musical *funk*

O *FUNK* é um gênero musical que, segundo pesquisas, originou-se por volta da década de 30, nos Estados Unidos, a partir da música negra, sofrendo influência do *rhythm and blues*, do *gospel* e do *soul* com intenso conteúdo reivindicatório. Na década de 60, surge mais original, com novas técnicas de mixagem, com um ritmo mais marcante, assumindo expressões muito utilizadas pelos *rapper* (repentistas) e MC (mestres de cerimônia) os quais misturam canto e fala em bailes e denunciam problemas dos negros nos guetos de Nova Iorque. Com ele também surgem o estilo *rap*, o *hip hop* e a dança *break*.

No Brasil, iniciam-se os bailes nos anos 70 e 80, pela zona sul e leste do Rio de Janeiro, sempre com conteúdos de denúncia da realidade de exclusão das camadas periféricas da cidade. Nos últimos anos, entretanto, o discurso de denúncia tem se tornado de manipulação por parte da indústria fonográfica, uma vez que para se adentrar nos horários permitidos em rádio e TV as letras tiveram de ser ajustadas a uma forma de manifestação alienante que, em vez de provocar reflexões como as letras anteriores (como o *rap* das comunidades) aliciam a população com uma política artística do tipo “pão e circo” romano”. Além do mais o ambiente dos bailes, talvez a única possibilidade de diversão para as camadas das favelas e bairros mais pobres da comunidade, se vê tomado de uma onda de violência, assim como de situações de promiscuidade e prostituição de menores e crianças.

Esse gênero musical é bem heterogêneo, apresentando muitos estilos, como por exemplo “ostentação” surgido em 2008, na cidade São Paulo como uma vertente do *funk* carioca, atingindo o nível nacional desde 2011 e tendo como um dos destaques MC Guimé.

Também o “proibidão”, um estilo de *funk* surgido no Rio de Ja-

neiro na década de 90 e que retrata a realidade das comunidades, a violência e o tráfico de drogas, também há algumas letras que fazem apologia ao crime e assassinato de policiais. Um dos destaques do Proibidão é o MC Catra. Várias de suas composições estão incluídas nas coletâneas piratas “Proibidão do rap”, porque suas composições engrandecem as facções do crime do Rio de Janeiro, assim como na coletânea “Proibidão liberado” com as faixas “O lucro parte II” e “Aba roedor” de parceria com Beto da caixa.

Segue um trecho da música “Cachorro”, codinome dado à polícia militar: “Cachorro/Se quer ganhar um dindin/Vende o X-9 pra mim/O patrão tava preso, mas mandou avisar/que a sua sentença nós vamos executar/É com bala de HK”. Processado pela PM carioca por apologia ao crime, se defendeu: “O crime faz parte da cultura da favela. Não sou cúmplice do crime, sou cúmplice da favela. Não estou fazendo apologia, estou é relatando uma realidade”.

O fenômeno *Funk* é considerado por muitas pessoas como discurso de manifestação contra a violência sociocultural a qual está submetida a população carente das periferias das grandes metrópoles como Rio e São Paulo. Essa afirmação refere-se ao estilo que denuncia as más condições sociais repressoras como desemprego, calamidade na saúde por falta de assistência, de qualidade de vida para a população e analfabetismo ou mau desempenho na aprendizagem representado pela desestrutura social, familiar e da política educacional no Brasil.

Então, o reflexo de toda essa violência silenciosa aplicada sob os falsos discursos políticos em época de eleições reflete, num número significativo, na adesão de grande parcela de crianças, jovens e adolescentes no crime organizado, no abandono da vida escolar e a transformação de cidadãos esperançosos em delinquentes que disputam o poder nos bairros à bala. Esse poder que a vida “honesta” não o permitiu nem dentro de suas próprias residências, ou melhor, barracos, na grande maioria.

Mc Frank, com Tribunal de Rua também relata a exploração policial:

A viatura foi chegando devagar
E de repente, de repente resolveu me parar
Um dos caras saiu de lá de dentro
Já dizendo, ai compadre, você perdeu
Se eu tiver que procurar você ta fodido
Acho melhor você ir deixando esse flagrante comigo
No início eram três, depois vieram mais quatro

Agora eram sete samurais da extorsão
Vasculhando meu carro
Metendo a mão no meu bolso
Cheirando a minha mão (...)

Ainda sobre a descrição dos estilos de *funk*, há o “*melody*”, iniciado no Brasil no início de 1990, derivado do estilo musical Freestyle, dos Estados Unidos e que foi sucesso, lá, nos últimos anos da década de 1980 e começo dos anos 1990. Esse estilo teve uma revitalizada nos últimos anos com o surgimento de novos artistas como Perlla e MC Leozinho e, atualmente, Anitta, MC Pocahontas e Naldo Benny. O “consciente” tem como objetivo convocar a população para as questões sociais e ambientais visando a protagonização das pessoas no intuito de melhorar a vida nos espaços em que vivem.

É um movimento musical que contém um conteúdo reivindicatório social e político, porém, no caso de algumas produções retrata e incentiva a exploração e vulgarização da mulher e erotização feminina com a presença de muitos MCs (mestres de cerimônia) crianças como MC Gui, Du Conventi, Dudu e MC Pet, MC Melody, MC Pedrinho, entre outros.

Retornando ao tema desse trabalho, as letras desse gênero musical sempre trouxeram, na grande maioria das produções, um cunho erótico muito apelativo como também incita a violência contra a mulher, como, por exemplo, a música “Tapinha” do Bonde do Tigrão, na década de 2000 que afirmava: “dói, um tapinha não dói” e “Tapa na Cara” que revela a mulher demonstrando o prazer em apanhar: “Se ela me pedir, o que vou fazer? Meu Deus, me ajude, em mulher não vou bater. Mas ela me pede todo dia, toda hora, quando a gente faz amor”.

A Deputada Jandira Feghali do PC do B do Rio de Janeiro, no artigo O *funk* e a polêmica da erotização infantil, publicado pela Revista Presença de Mulher (2001), aponta trechos de músicas da época. Temos abaixo, respectivamente: Bonde do Tigrão com Máquina do sexo; Tati Quebra Barraco com Mega Tati 2002 e Jonathan Costa com Jonathan da Nova Geração:

Máquina do sexo, eu transo igual a animal
A Chatuba da Mesquita do bonde do sexo anal
Chatuba come cu, depois come xereca
Rança cabaço, é o bonde dos careca (...)

Me chama de cachorra que eu faço au-au
Me chama de gatinha que eu faço miau
Goza na cara, goza na boca, goza onde quiser (...)

De segunda a sexta, esporro na escola
Sábado e domingo, eu solto pipa e jogo bola
Mas já estou crescendo com muita emoção,
eu já vou pegar um filé com popozão (...)

Atualmente, temos ainda intensamente a perpetuação da sexualização das letras no *funk* num retrato de mulheres vistas como interesseiras e objetos sexuais em apresentações como figuras decorativas com roupas mínimas e danças lascivas. Também em outros estilos é possível perceber a exaltação do jogo erótico entre homem e mulher, porém, quase sempre, numa construção estilística mais aprimorada em seus jogos metafóricos, sem palavras de baixo calão e descrições explícitas, a qual não deixa, porém, de demonstrar uma suposta idealização masculina: a mulher para sua plena satisfação.

A figura masculina idealizada, o ídolo masculino nessas letras é a mesma pregada pela visão masculina em outras esferas sociais e perceptível nas relações, nos comportamentos das mulheres entre si e seus pares: um senhor casado com várias mulheres e diversos filhos, mas esse direito é apenas dele, pois a elas cabe apenas o papel de o satisfazerem e se manterem dignas do “respeito” do grupo social.

Com relação à figura feminina representada nas letras de algumas produções de *funk*, talvez como reflexo da realidade das comunidades, percebemos a distinção das mulheres em as honestas e as vadias. O que gera uma rivalidade e a disputa pelo papel da “fiel”, já que é dado ao homem o direito de dispor de quantas desejar conquanto valorize “sua fiel”. E a disputa, a rivalidade entre amante e fiel, como também o estigma social é incentivado nas relações e disputas por lugares no grupo gerando, por assim dizer, a morte social das consideradas inadequadas às regras impostas pelo grupo, todavia “utilizadas às escondidas” dentro de determinado padrão.

Há que se considerar positivo a busca de empoderamento (ao cantar a realidade sua e das companheiras, ao reivindicar o direito ao prazer sexual, ao denunciar a opressão machista ou, ainda, ao quebrar os padrões de beleza) por parte das cantoras de *funk* que incentivam as outras mulheres a busca de sua independência com a mensagem de que são donas de sua vida e seu corpo com o direito de compartilhá-los como bem desejarem. Todavia, as produções musicais falam somente em sexo e isso gera críticas sobre a forma como essa busca ocorre considerando as vestimentas, as danças e o discurso como, por exemplo:

Não conseguiu me comer

Agora, quer me esculaxar
Se liga seu otário no papo que eu vou mandar
Então, para de palhaçada, deixa de gracinha
Eu dou pra quem eu quiser, que a porra da buceta é minha

do grupo Gaiola das popozudas.

Segundo Carla Rodrigues, jornalista, professora e doutora em Filosofia na PUC-Rio que estuda teorias feministas, esse direito à liberdade sexual é uma luta histórica do feminismo, um movimento político social, e que, muitos anos depois, ao exigir o direito sobre o próprio corpo, ao se autorreferir como “cachorra”, “puta” e “piriguete” as funkeiras estão provocando o eco do que as feministas reivindicavam nos anos 70, instigam o questionamento, a ressignificação dos mesmos. Ela considera como parte de atualização do processo de luta feminista o surgimento e popularização de mulheres fanqueiras numa estrutura social machista como a nossa.

A origem do *funk*, as camadas menos favorecidas socialmente, pode ser a razão para o não reconhecimento por parte da elite musical por conta de sua limitação estilística, assim como sem relevância o papel das fanqueiras como instrumentos de incentivo ao empoderamento das mulheres no Brasil. Todavia é fato a aceitação do gênero musical por uma enorme parcela da população apesar das críticas.

Tati Quebra Barraco, Deize Tigrona, Anitta, MC Carol Bandida, Valesca Popozuda, Vanessinha Pikachu, Pocahontas e Perlla são alguns nomes de mulheres que usam o microfone e o palco como forma de afirmação como indivíduo em igualdade com os homens. Sabemos que há a alimentação do machismo nas letras decantadas por elas, pois o levantamento da bandeira de busca de igualdade de direitos flui por um caminho polêmico e ainda repleto de imposições moralizantes.

Todavia, devemos considerar a positividade dessas vozes no tocante a se apoderarem de espaço social e, desse ponto, outros serão conquistados conforme se ampliem as visões de mundo, o preparo acadêmico, consequência de maior participação feminina nos bancos escolares, maior participação na vida sociopolítica do país e, assim, as rédeas da própria vida serão seguras de forma consciente. E se antes, no final dos anos 90, início do século XXI, essas mulheres eram apenas dançarinas reproduzindo a voz masculina que a relegava a adorno no palco, agora têm vez e voz. Continuam “preparadas”, “tchutchucas” e “cachorras”, mas, assumem-se putas, porém absolutas.

Podemos concluir, então, que o gênero musical *funk*, forjado, nos Estados Unidos, a partir da música negra, que sofreu influência do *rhythm and blues*, do *gospel* e do *soul* com intenso conteúdo reivindicatório, não poderia nunca, no Brasil, desvencilhar-se das práticas reivindicatórias sociais, políticas e até mesmo amorosas e sexuais das camadas mais populares, pois a própria organização musical, o ritmo toca nas origens desse povo. E as discussões levantadas por determinadas letras expressam o que corrói o interior desse povo, é o que o incomoda no cotidiano.

Também aqueles que o taxam como gênero menor no ramo musical se prendem a questões preconceituosas de classe, cor, pobreza (financeira e pela limitação estilística das letras apresentadas ao público). Isso é, simplesmente, a reprodução da realidade dos produtores e ouvintes da obra, porém, sabemos que esse gênero musical já conquistou lugar cativo em bailes das classes ditas favorecidas. Simplesmente deve ser visto como mais um gênero artístico, com suas características próprias, sua contribuição como impulsionador de reflexão.

E que homens e mulheres escolham o que ouvir, selecionem o melhor estilo, produzam conforme sua ambição artística, e o melhor de tudo: que aprendam a ver o que de melhor cada gênero musical tem para contribuir para a riqueza cultural do país.

3. *A linguística cognitiva e as bases cognitivas: a construção do significado*

A interpretação do mundo pelo homem perpassa pela sua forma de construir os significados de tudo que o rodeia. Para explicar como isso ocorre, a linguística cognitiva nos mostra que os elementos constituintes da linguagem são reflexos da união das experiências humanas com as capacidades cognitivas do indivíduo. Num jogo de flexibilidade, a linguagem vai se adaptando às transformações socioculturais através de processos cognitivos dotados pelos indivíduos os quais utilizam eficientemente a “ponta do iceberg”, porém considerando importante todo o contexto (social, individual e cultural) que determina as relações e construções linguísticas dos sujeitos entre si.

Sobre a noção de contexto, Ferrari (2011, p. 43-44) orienta, usando as palavras de Gibbs (2006):

Embora a caracterização do contexto como fenômeno mental seja o ponto

de partida para deferentes definições, as pesquisas em linguística cognitiva têm descartado a noção de representação mental abstrata e preexistente (normalmente adotada nas pesquisas de base psicológica), para caracterizá-lo como evento mental rico, imagístico, sensorial e corpóreo. A segunda opção se relaciona à hipótese da base corpórea da cognição (*embodiment hypothesis*), cuja principal premissa é a de que as experiências vividas pelos indivíduos através de seus corpos em ação fornecem a base fundamental para a cognição, influenciando atividades cognitivas como percepção, formação de conceitos, imagística mental, memória, raciocínio, linguagem emoções e consciência.

Essa organização do mundo que nos rodeia está subordinada a processos de categorização realizados por estratégias cognitivas como a organização de espaços mentais, os esquemas imagéticos, os frames, os modelos cognitivos idealizados – MCIs, os jogos metafóricos, metonímicos e as mesclagens conceptuais através de um jogo de analogia que visa a ressignificação dos conceitos. A seguir, traremos, sucintamente, algumas noções sobre essas construções cognitivas.

3.1. Esquemas imagéticos

As representações conceptuais mais básicas da experiência da pessoa no mundo são os esquemas imagéticos, considerados as imagens dinâmicas das vivências compartilhadas por determinado grupo social. Os *image schemas* (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 1990, LAKOFF & TURNER, 1989), estão “relacionados à capacidade de estruturar de modos alternativos o conteúdo de um domínio conceptual”, em outras palavras, dizem respeito ao movimento do corpo no espaço, à manipulação de objetos, representam padrões esquemáticos que refletem domínios como força, equilíbrio, contêiner, trajetória, espaço, entre outros.

Pode-se tomar como exemplo o esquema imagético *espaço* que, em experiências de localização (de objetos, pessoas, imóveis etc.) resulta situações de uso de expressões espaciais cima-baixo; frente-trás; perto-longe; esquerda-direita; centro-periferia.

Analisando o esquema imagético *contêiner*, ele estabelece um limite entre “dentro e fora” que pode ser associada à experiência bem simples de respirar (inspiração - puxar o ar para dentro/interior dos pulmões e expirar-colocar o ar para fora/exterior dos pulmões). Logo, para o entendimento de esquema imagético contêiner, é necessária a noção de interior, fronteira espacial e exterior.

Também há de se considerar a subdivisão *parte-todo* de Johnson (1987), incluído no inventário de esquemas resumido por Croft & Cruse

(2004, p. 45, *apud* FERRARI, 2011, p. 86) sobre o conceito “família”. Os ocidentais de cultura judaico-cristã consideram o casamento como parte fundamental da família, logo, a família é o todo constituído de partes que a formam, as pessoas.

Assim, conclui-se que vários usos linguísticos dão suporte à ideia de esquema imagético, refletem as experiências humanas no mundo contribuindo para a formação dos significados os quais estão relacionados ao fato de a linguagem acessar domínios cognitivos detentores de sua experiência no mundo num jogo metafórico e metonímico essencial na relação conhecimento linguístico x conhecimento enciclopédico.

3.2. Frames

O trabalho de Charles Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985) referente à estrutura semântica dos termos lexicais e construções gramaticais é chamada de Semântica de Frames. Frame é um sistema de conceitos tão bem associados, concernentes entre si que a compreensão de um deles depende da compreensão da estrutura na qual está inserido. Segue como exemplo a expressão “fim de semana”, utilizada por Fillmore (1982).

Para a expressão “fim de semana” ter algum significado é necessário ativar o frame de *calendário cíclico* (sucessão de dias e noites) e de convenções culturais (dias em que as pessoas trabalham e dias em que as pessoas não trabalham). Na cultura ocidental, a semana é dividida em sete dias, em que cinco – segunda a sexta – geralmente são dias de trabalho e dois – sábado e domingo – são destinados ao descanso e lazer destacando que se tem o 7º dia de uma semana – sábado – e o 1º de outra – domingo- e não, realmente, os dias finais da semana (6º e 7º dias).

Destaca-se a ideia de frame podendo ser utilizada para relatar distinções no domínio social de uso de um termo. Fillmore (*op. cit.*) destaca as palavras inocente e culpado que, numa situação jurídica, ativam o frame em que são resultados de um julgamento em tribunal, mas afastadas desse domínio, indicam apenas que o indivíduo praticou ou não determinado crime.

Além disso, outra questão importante levantada pelo autor é a ativação de diferentes frames para palavras que denotam a mesma coisa no mundo:

TERRA quanto SOLO designam a superfície seca de nosso planeta, mas

TERRA denota a superfície seca em contraste com o mar. É o caso da expressão “Terra à vista”, que pode ser emitida por tripulantes de um navio. SOLO denota a superfície seca em contraste com o ar, como ilustra a sentença “Os aviões percorrem uma certa distância em **solo** antes de decolar”. (FERRARI, 2011, p. 52)

Quando se opõem palavras para nomear as mesmas coisas, porém em línguas diferentes, a questão sobre o significado citada acima é de suma importância. Em inglês, *flesh* e *meat* significam carne, porém *flesh* é conceptualizada a partir de um frame de anatomia e *meat*, a partir do frame de comida; o que não ocorre em português. O mesmo ocorre com escada que em inglês, é conceptualizada a partir de dois frames diversos: *stairs* referente a armação fixa em edifícios e casas e *ladder* que se refere à armação que pode ser deslocada para locais diversos.

Ainda considerando diferentes frames e a criação de significados, ao ser associado a frames distintos, o mesmo termo pode denotar significados diferentes. É o caso do exemplo colocado por Ferrari (2011, p. 53) para o termo *controle de imagem* o qual pode ser associado a um frame de medicina ou a um frame de política obtendo significados distintos.

Fillmore (1882) destaca dois tipos de frames: (i) o que é independente de uma situação real de fala (destaca os domínios cognitivos motivadores envolvidos na construção de um significado, independente de uma situação real de comunicação) e (ii) o subordinado a uma situação de fala (acentua as capacidades humanas na atribuição de esquemas aos elementos do mundo e, também, esquematizar a situação em que a comunicação ocorre).

Ainda atribui ao indivíduo a capacidade de realizar o enquadramento fora de uma situação real de fala (*cognitive frames*) e interagindo numa situação real de fala, o *interactional frames*, relacionado com a forma de conceituar o que está acontecendo entre falante e ouvinte, ou entre autor e leitor. Dado que é essencial que os interlocutores conheçam os domínios cognitivos motivadores da moldura comunicativa e compartilhem os frames necessários para sua compreensão.

3.3. Modelos cognitivos idealizados – MCIs

Lakoff (1987) apresentou as ideias sobre modelos cognitivos idealizados (MCIs) – “*Idealized Cognitive Models*” realizando uma associação entre a noção de frames a processos de categorização e definiu-os como um conjunto complexo de frames distintos. Para o autor, os MCIs

são compostos a partir de três tipos de estruturas: (a) estruturas proposicionais com a noção de frame de Fillmore; (b) *image-schematic structure* estabelecido por Langacker; (c) e os mapeamentos metafóricos e metonímicos de Lakoff e Johnson.

(a) Estrutura proposicional

Refere-se ao tipo de estrutura utilizada por Fillmore para os frames. Lakoff (1987) utiliza o termo *solteirão*, *bachelor* em inglês, como ilustração. Tal termo só é conceptualizado a partir da noção da existência de culturas onde haja casamento e não casamento; essa ideia deve estar elencada ao sexo e idade. Solteirão, geralmente, se refere a homem adulto, de idade avançada e não casado. Porém essas características são insuficientes para a apreensão do significado do termo.

Na verdade, a definição do termo requer referência a um domínio cognitivo específico, denominado frame, que reúne conhecimento compartilhado em relação às expectativas socioculturais à idade apropriada para o casamento. É a relativização do termo BACHELOR a esse domínio cognitivo específico que explica o fato de que a palavra não é adequada para nomear o Papa, ou um personagem que viva nas selvas, como o Tarzan, ainda que esses indivíduos compartilhem os traços listados. (FERRARI. 2011, p. 34)

Assim, solteirão só pode ser definido como modelo cognitivo idealizado numa cultura que aceita casamento monogâmico e uma idade adequada para a prática dessa regra.

Para finalizar esse tópico, é importante salientar que MCI e frame são modelos cognitivos organizadores da estrutura conceptual firmados social e culturalmente sendo que o modelo cognitivo idealizado se configura como um conjunto de conhecimentos limitado a uma esfera do saber, tem a ver com a herança cultura. O frame está relacionado ao compartilhamento dos conhecimentos entre pessoas num grupo social ou entre grupos.

(b) Esquemas imagéticos

As experiências de espaço são estruturadas, geralmente, com base nos esquemas de contêiner, parte-todo, frente-trás, cima-baixo, origem-trajeto-destino, existência etc., logo esses esquemas têm condição de alicerçar a estrutura conceptual de MCIs. Por exemplo, a determinação, pelos grupos sociais, e aceitação, até inconsciente, da adequa-

ção/inadequação ao comportamento feminino com relação à frequência a certos espaços e à prática de comportamentos classificados como tipicamente masculinos pode ser considerada relativa ao esquema imagético *existência*, subclassificação em *espaço delimitado* determinando, assim, as posturas das consideradas “mulheres de bem” e a morte social das que não detém esse padrão.

(c) *Metafóricos e metonímicos*

Projeções metafóricas e metonímicas podem compor MCIs de acordo Lakoff e Johnson (1980). Têm-se sentenças em que o MCI de tempo é metaforicamente estruturado em termos de espaço ou movimento através do espaço de acordo exemplos de Ferrari (2011, p. 92) no tópico *Metáforas do tempo*:

Tempo como local - o tempo é concebido como um local para onde o Ego se dirige.

- a) Já estamos perto do Natal.
- b) Ele chegou em cima da hora.
- c) Daqui para frente o curso vai ficar mais difícil.
- d) Estamos nos aproximando da minha estação do ano favorita.

Tempo como entidade que se desloca no espaço em direção ao Ego.

- a) O Natal está chegando.
- b) O tempo voa.
- c) O ano está passando muito rápido.
- d) O tempo não para.

Outro ponto a se destacar sobre os MCIs é a questão de mostrarem efeitos prototípicos que surgem a partir da interação de um determinado esquema com outros. Esses efeitos podem ser simples ou complexos.

Para ilustrar o *efeito prototípico simples*, novamente Lakoff (1987) recorre ao exemplo de Fillmore (1982): Bachelor (solteirão).

Se o MCI a partir do qual *bachelor* é definido corresponde a uma determinada situação perfeitamente e a pessoa designada pelo termo é inequivocamente um homem, adulto, não casado, então esse indivíduo se qualifica como membro da categoria *bachelor*. Mas se o MCI não corresponde ao mundo per-

feitamente, o indivíduo se afastará da situação prototípica de *bachelor*.

(...)

Não se trata de estabelecer se um conceito corresponde ao mundo ou não (como seria o caso em uma teoria objetivista), mas sim de reconhecer que podemos aplicar conceitos com graus variados de acuidade em situações cujas condições básicas do MCI não entrem em conflito com nosso conhecimento. Quanto maior a adequação entre o MCI e o nosso conhecimento da situação, mais apropriada será a aplicação do conceito; quanto menor a adequação, menor a probabilidade de aplicação bem-sucedida do mesmo. É a esse tipo de gradência que Lakoff denomina efeito prototípico simples. (FERRARI. 2011, p. 55)

Os *efeitos prototípicos complexos* são uma combinação de modelos cognitivos individuais, como demonstra Lakoff (1987, 74-76) utilizando o termo *mãe*, por exemplo, cujo conceito tradicionalmente aceito – mulher que deu à luz uma criança – não engloba todas as outras possibilidades de modelos cognitivos individuais: *modelo de nascimento*, *modelo genético*, *modelo de criação*, *modelo marital* e assim por diante. Para Lakoff, “o conceito idealizado de *mãe* é aquele no qual todos os modelos convergem, sendo, portanto, capaz de promover efeitos prototípicos”. Consequentemente, uma vez que isso não ocorre, a existência de vários modelos de *mãe* origina expressões como *mãe adotiva*, *mãe de leite*, *mãe de criação*, *mãe de aluguel* etc., sabendo-se que apesar da condição de certa estabilidade dos MCIs, eles podem se modificar a depender das ocorrências socioculturais nos grupos de convivência a partir das quais o usuário linguístico poderá acrescentar ou retirar informações de seus MCIs.

3.4. Metáfora e metonímia

A noção de referência é muito importante na conceptualização das coisas e situações, todavia, a construção do significado, além de ocorrer entre o mundo e as palavras, se dá também no nível da representação mental. Mas, numa observação cuidadosa, percebe-se que as imagens não comportam todas as representações mentais já que a criação do significado de algumas palavras não se subordina ao visual, mas depende de um elemento mais abstrato, um conceito.

Numa abordagem tradicional a metáfora e a metonímia são tratadas como figuras de linguagem, como artifícios retóricos de embelezamento da linguagem literária. Porém, a linguística cognitiva, contrariamente, atribui uma significativa importância aos processos de metáfora e

metonímia. A teoria da metáfora conceptual com a obra *Metaphors we live by*, de Lakoff & Johnson (1980), o ramo da teoria de semântica cognitiva concebe a construção do significado a partir de estruturas conceituais e as categorias mentais das pessoas formadas a partir das suas experiências (físicas, culturais e sociais) no mundo.

Os humanos utilizam como referências as semelhanças e as diferenças percebidas entre os elementos para classificá-los dentro da realidade vivida e, assim, são arrolados numa mesma categoria os elementos que possuem entre si algum atributo comum enquanto elementos diferentes compõem categorias distintas, por não comportarem qualquer grau de interseção entre seus atributos. Esse jogo analógico ordenará a admissão de determinado elemento em um ou outro domínio de conhecimento.

Esse processo de categorização ocorre naturalmente (no pensamento, percepção, ação e discurso), em situações de considerar algo como um tipo de coisa ou não (uma panela, uma xícara), nos raciocínios sobre as coisas, sentimentos, tudo, enfim, exige a emprego de categorias.

As relações ocorridas dentro das categorias e entre uma categoria e outra determina o funcionamento da metáfora e da metonímia. Com a metáfora, busca-se correspondência, similitude, entre elementos de domínios diferentes e com a metonímia, uma relação contígua entre elementos do mesmo domínio. Então, nesse sentido, o indivíduo, ao procurar construir novos sentidos, baseia nos conhecimentos já incorporados no processo de experiência no mundo juntamente com outros indivíduos.

Segundo os autores de *Metaphors we live by*, a metáfora baseia-se num deslocamento de sentidos em que o conceito é transposto de um domínio de origem para um domínio alvo ou destino, sobre o qual se sobrepõem os tais conceitos de origem. Logo, é uma projeção de um domínio sobre o outro, ocorrendo uma analogia entre dois conceitos.

Abreu (2010) utiliza um exemplo bem simples para explicar a transposição de sentidos entre domínios. Na sentença "*Aquele seu amigo é um cavalo*" tem-se como domínio de origem: cavalo e como domínio alvo: amigo. O entendimento do sentido pretendido pelo falante vai estar subordinado à ativação, por parte do ouvinte, dos frames dos dois domínios. Para o domínio de origem (cavalo) há traços semânticos como quadrúpede, alto, forte, rápido, capaz de empinar e escoicear. A depender do contexto em que for utilizada a frase, haverá a seleção de uns ou outros elementos desse frame a serem transpostos para o domínio alvo (amigo).

Na condição de uso da sentença “Aquele seu amigo é um cavalo. Sua ajuda no transporte da minha mudança foi decisiva” o elemento “forte” seria o selecionado. Porém, caso fosse “Aquele seu amigo é um cavalo. Você viu como fez a namorada dele sair chorando da festa?” o traço escolhido seria “capaz de dar coices”.

O conceito de mesclagem (*blend*), detalhado abaixo em 2.6, esclarece a estratégia de seleção dos elementos dos frames envolvidos nesse processo analógico. Por enquanto, simplificando, no domínio de origem, o falante seleciona o traço do frame que ele quer utilizar no domínio alvo (homem mal-educado). A projeção ocorre da origem para o destino; mas, o destino seleciona os pontos referentes ao conceito que se deseja construir. Então, ele escolhe apenas “bruto” e os outros traços do frame de cavalo (mamífero, forte e veloz) são descartados como afirmam Lakoff & Jonhson,

A mesma sistematização que nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro (...) necessariamente há de ocultar outros aspectos do conceito em questão. (...) um conceito metafórico pode impedir que nos concentremos em outros aspectos do conceito que são inconsistentes com essa metáfora. (LAKOFF & JONHSON, 1980)

O princípio da invariância (LAKOFF & TUNER, 1989) é o responsável pela correspondência entre domínio origem e domínio destino ao estabelecer a ligação entre “conjuntos de conhecimentos estruturados” (MARTELOTTA & PALOMANES, 2008, p. 184), por meio de um mapeamento direcionado inevitavelmente do domínio origem para o domínio destino, preservando a estrutura cognitiva do domínio origem coerentemente à estrutura pertencente ao domínio destino. Assim, a conservação da estrutura do domínio limita formações incoerentes.

Importante salientar a possibilidade de as metáforas interagirem entre si gerando *sistemas metafóricos complexos*. O que Lakoff (1993) denomina “metáfora de estrutura de evento” que é a associação entre uma série de metáfora visando atingir uma metáfora mais geral.

Vários sistemas metafóricos compõem a metáfora VIDA É VIAGEM, de acordo Ferrari (2011, p. 95): estados são locais: (Ele chegou a um beco sem saída na vida); mudança é movimento: (Ele foi dos quarenta aos cinquenta, sem nenhuma crise de meia-idade); causas são forças: (Ele teve impulso da família para se posicionar bem na vida); metas são destinos: (Ele vai chegar aonde quiser na vida); meios são caminhos: (Ele seguiu um caminho pouco convencional na vida); dificuldades são impedimentos ao movimento: (Vários tipos de problema atravessaram seu

caminho); atividades com propósito são jornadas: (Sua vida foi uma jornada bastante estranha).

Todos os exemplos acima demonstram projeções metafóricas cujo domínio alvo/destino é VIDA e o domínio origem/fonte é VIAGEM.

Além dos casos supracitados, a PERSONIFICAÇÃO refere-se a outro tipo de associação metafórica identificada produtivamente por Lakoff & Tuner (1989) em estudo com poemas em inglês sobre a morte. Os autores identificaram a personificação desse evento como: condutores, cocheiros, ceifadores, devoradores, destruidores, oponente em luta ou jogo. Perceberam a hipótese de a metáfora geral EVENTOS SÃO AÇÕES estar associada a outras metáforas para vida e morte. E foi dado como exemplo para a metáfora MORTE É VISITA, o poema “Consoada”, de Manuel Bandeira em que a morte é personificada como visitante. Nesse sentido, atentando-se, ainda, para a questão da personificação da morte, a autora chama a atenção para a seleção realizada entre os traços humanos na construção da personificação da morte. Os traços escolhidos são distintos, limitados: *devorar, destruir, ceifar, mas não ensinar, sentar*.

Essa distinção de traços semântico se refere ao princípio da invariância, já citado anteriormente, que, nas palavras de Ferrari (2011), prediz que “a estrutura do domínio-fonte precisa ser preservada pela projeção, de modo consistente com o domínio-alvo” e “as inferências metafóricas incompatíveis com o domínio-alvo não serão projetadas”.

Para ilustrar essa afirmação, para a metáfora CAUSAÇÃO É TRANSFERÊNCIA (DE OBJETO), segue os exemplos: (i) “Ela está dando dor de cabeça a ele”. (ESTADO) e (ii) “Ela deu um beijo nele”. O domínio-fonte, nos dois casos, é TRANSFERÊNCIA FÍSICA provocando a conclusão que o recipiente se apossa da entidade transferida (o estado “dor de cabeça” e o evento “beijo”). Todavia, há de se perceber, que essa conclusão, essa inferência se mantém quando o domínio-alvo é um ESTADO, pois não é limitado temporalmente, mas não é aceitável no caso de EVENTO, que apresenta uma limitação em sua temporalidade.

Há de se atentar, também, para a questão da *unidirecionalidade da metáfora*. O jogo metafórico, segundo estudiosos da teoria da metáfora conceptual, ocorre de um domínio-alvo para um domínio-fonte e nunca o inverso. Logo, o tempo pode ser conceptualizado em termos de espaço, como no exemplo, “Daqui para frente o curso vai ficar mais difícil”, mas espaço em termos de tempo não é possível.

Quanto à determinação de um domínio como fonte ou alvo, inicialmente, defendeu-se a ideia de que o domínio-fonte seria mais concreto, mais apreensível e o domínio-alvo seria mais abstrato, de entendimento mais árduo e difícil de verbalizar. Nesse sentido, Kovecses (2002), nas palavras de Ferrari (2011. p. 98), sugeriu para domínios-fonte mais comuns: Corpo Humano (o coração da cidade), ANIMAL (o leão do imposto de renda), PLANTA (a raiz do problema), COMIDA (cozinhar o assunto) e FORÇA (empurrar a crise para depois). Para os domínios-alvo mais presentes: EMOÇÃO (ser equilibrado), MORALIDADE (resistir à tentação), PENSAMENTO (ver a lógica do argumento), RELAÇÕES HUMANAS (ter um casamento sólido) e TEMPO (gastar o tempo).

Seguindo essa linha de raciocínio, a estrutura (concreta) do domínio-fonte é projetada para o domínio-alvo que reivindica uma conceptualização metafórica, devido sua característica mais inefável, de difícil descrição. De posse de traços oriundos do domínio-fonte, o domínio-alvo se organiza.

A metonímia, como ocorre com a metáfora, é defendida pela Semântica Cognitiva, não como simplesmente um fenômeno linguístico, mas uma ocorrência de construção conceptual muito importante nos processos cognitivos. Tradicionalmente foi definida como um deslocamento de significado, em que uma palavra utilizada usualmente para nomear determinada entidade passa, então, a designar uma entidade contígua (ULLMANN, 1957; LAKOFF & JOHNSON, 1980; TAYLOR, 2003).

Diversamente das construções metafóricas, as metonímicas ocorrem no mesmo domínio cognitivo, atuando com os elementos que pertencem à mesma categoria e essa contiguidade se estabelece pela associação na experiência. Entre esses elementos envolvidos no processo metonímico há uma hierarquia, já que há elementos detentores de informações gerais, básicas e específicas. As informações básicas são aquelas que facilitam a apreensão, são relevantes, e ativam dados da mesma categoria. Então, um conhecimento desdobra-se a outro localizado no mesmo domínio.

Abreu (2010, p. 55) propõe como exemplo de metonímia uma foto 3X4 mostrada a alguém que diz: – “Ah, essa é a sua prima”. E não: “Ah, essa é a cabeça de sua prima” por ter realizado, inconscientemente, a projeção da imagem da cabeça (parte) em seu corpo (todo). Assim, ocorre um percurso do todo para uma parte do domínio pela perspectiva de quem a emprega e da parte para o todo na visão de quem a interpreta.

A questão de se utilizar a cabeça para identificar seu dono (pessoa/bicho) está relacionada ao que Langacker, segundo Abreu (2010, p. 56), denomina zona ativa (*active zone*) que são partes de uma totalidade inconscientemente perceptíveis no processo de entendimento de frases formadas por metonímias TODO PELA PARTE.

Essa zona ativa é selecionada de acordo a forma como o todo é visualizado, num determinado contexto: solicita-se a *mão* se alguém para carregar algo pesado; na necessidade de um consolo, precisa-se de um *ombro* amigo. Ainda segundo o autor, essas zonas ativas estão relacionadas a situações de perigo, pois para os homens primitivos, ver a juba ou a pata de um leão escondidas na vegetação e associar dessa parte corporal ao animal predador garantia-lhe a sobrevivência.

Destaca a existência de ditados ligados a metonímias de zonas ativas em quase todas as línguas do mundo como no latim: *digito gigas* (Pelo dedo se conhece o gigante); no inglês: *The tree is known by its fruit* (A árvore se conhece pelos seus frutos) e francês: *Au chant n connaît l'oiseau* (Pelo canto se conhece o pássaro). É também por metonímia que se pode ativar modelos mentais em que o cérebro projeta o início e o fim de cada palavra (partes) em situações de erro de escrita/digitação como também em mensagens cifradas “*Pceado é feazr aglo que prjeudca ourta pssoea desecessariante; f3zer5 a8go q2e nos pr4j1di5a não é pceado, é b5rr4ce*”.

Abreu (2010, p. 58) cita exemplos comentados por Raymond Gibbs Jr em *The Poetics of Mind* para justificar a metonímia como parte fundamental do sistema de conceptualização humana.

Washington começou negociação com Moscou.

A Casa Branca não está dizendo nada.

Wall Street está em pânico.

Esses exemplos não são expressões singulares arbitrárias, mas refletem o princípio cognitivo geral da metonímia, em que as pessoas usam um aspecto bem entendido de algo para referir-se a coisas como um todo ou a algum de seus aspectos. Todas as expressões acima estão relacionadas ao princípio geral pelo qual um lugar pode referir-se a uma instituição que é projetada como se fosse aquele lugar.

Elementos reunidos por fatores culturais ou imaginativos também compõem metonímias, além dos frames já discutidos. Abreu (2010, p. 58) sugere a denominação de acontecimentos históricos, como a Revolução praieira (Pernambuco, 1848). Por que esse nome? O jornal liberal O

Diário Novo incentivador da revolta, localizava-se na Rua da Praia, no Recife. Está aí uma metonímia formada pela utilização do nome de um local pelo evento nele ocorrido. Assim também ocorrem outras denominações como a batalha de *Waterloo* (nome de uma região ao sul de Bruxelas onde Napoleão foi vencido) e o escândalo de *Watergate* (edifício onde ficava a sede do partido democrata americano, em Washington).

Quando se utiliza o nome, por exemplo, de um cientista para nomear uma doença por ele estudada, tem-se outra forma de processo metonímico. É o caso de Síndrome de Down usada por conta de Langdon Down, cientista pioneiro no estudo dessa anomalia em crianças em 1866. Assim como, na biologia, a organela *Complexo de Golgi* é assim nomeada em homenagem ao italiano *Camilo Golgi*, seu descobridor.

Em sentenças como (a) *Prost é difícil de ler* e (b) *O Globo superior o Jornal do Brasil em termos de mercado* tem-se exemplos típicos de metonímia em que Prost se refere aos livros escritos por esse autor e *O Globo e Jornal do Brasil* designam metonimicamente empresas responsáveis por esses jornais conforme Ferrari (2011. p.103).

3.5. Teoria dos espaços mentais

Fauconnier (1984, 1997) formula a teoria dos espaços mentais para explicar o processo de referenciação, espaços esses criados durante o desenvolvimento do discurso, são

domínios conceptuais (importante relembrar Langacker (1987, 1990, 1991) e sua ideia de domínio, o qual, segundo ele, detém experiências, perceptuais, conceitos e sistemas elaborados de conhecimento) que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado.

Pode-se chamar de base ao espaço que dá suporte ao discurso na situação comunicativa (falante, ouvinte, lugar e momento da enunciação) e, partindo dele, são criados outros espaços para dispor de informações que ultrapassam o contexto, a realidade imediata.

Nas palavras de Ferrari (2011, p. 111), “espaços mentais são domínios conceptuais locais que permitem o fracionamento da informação, disponibilizando bases alternativas para o estabelecimento de referência”. Os elementos que constroem os espaços mentais são os chamados *spaces builders* cujos representantes podem ser preposições, advérbios, locuções, orações temporais e condicionais que “abrem” o espaço apropriado

para a localização do referente.

A autora demonstra diferentes tipos de espaços mentais, porém, seguem, abaixo, apenas alguns deles como efeito de ilustração das ideias expostas. Os termos que se constituem construtores de espaços mentais estão grifados.

- a) Espaços geográficos – *Na Índia*, as vacas são animais sagrados.
- b) Espaços temporais – *Quando o inverno chegar*, eles viajarão.
- c) Espaços condicionais – *Se o presidente viajar*, o vice assumirá o cargo.
- d) Espaços contrafactuais – Como seria a Terra, *se tivesse anéis como os de Saturno?*
- e) Espaços de representação – *No quadro*, a moça de cabelo louro contempla a paisagem.
- f) Espaços de domínio de atividade – *No futebol americano*, há jogadores que apenas defendem.

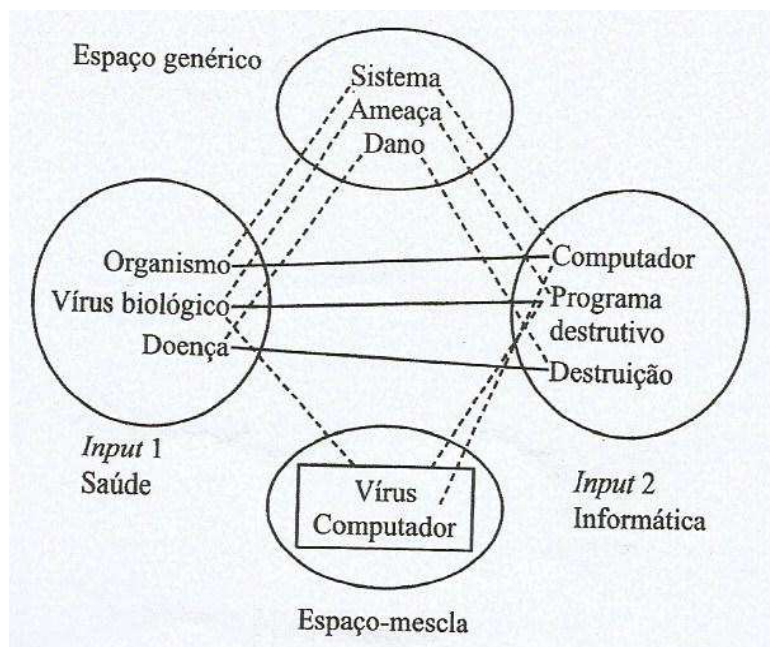
3.6. Mesclagens conceptuais

Também chamada de integração conceptual, a mesclagem conceptual é uma estratégia imaginativa que permite ao indivíduo projetar numa nova cena, elementos de cenas distintas numa operação mental que o habilita a criar novos sentidos.

Tal operação baseia-se no estabelecimento de uma projeção parcial entre dois espaços iniciais – *Input 1* e *Input 2*, elaborados pelo chamado conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico que, conforme a teoria cognitivista, forma os MCIs. Tal projeção autoriza uma comparação entre os elementos semelhantes, favorecida pelo espaço genérico (*Generic Space*), elemento representativo das características compartilhadas pelos espaços iniciais. Culminando no espaço de mescla (*blend space*) onde são projetados os requisitos, os componentes dos inputs (espaços mentais 1 e 2) que se unem permitindo uma elaboração conceptual distinta e, por fim, a origem de um novo significado (*frame*).

Com o intuito de ilustrar o processo de mesclagem, Ferrari (2011, p. 122, 123) se utiliza do exemplo de Fauconnier (1997) sobre a noção de vírus de computador. Conforme pode ser visto no esquema abaixo, nesse caso, os espaços mentais são: o *Input 1* que se refere ao domínio da saúde (sistemas biológicos, organismos como vírus, doenças causadas por esses organismos). O *Input 2* (computadores, programas nocivos, problemas

causados por esses programas). A analogia entre *Input* 1 e 2 que engloba as noções de sistema, ameaça e dano.



Mesclagem conceitual referente a vírus do computador

As contrapartes “vírus biológico” e “programa destrutivo” aparecem, na mescla, incorporados e projetados formando uma terceira noção mais aprofundada. Nesse novo domínio, “vírus” abrange uma diferente categoria possuidora de organismos biológicos como também programas prejudiciais ao sistema do computador que são, agora, considerados como “iguais” e não “contrapartes analógicas ou instâncias específicas de um esquema abstrato”.

No espaço mescla (*blend space*), as subcategorias “vírus biológico” e “vírus de computador” apresentam-se contidas na categoria “vírus”. Logo esses membros se desligam dos espaços mentais de origem, não se limitam à projeção dos *Inputs* iniciais, pois a mescla disponibiliza a existência de elementos em diferentes domínios como “vírus social”, “vírus mental”.

4. A resignificação lexical no funk: análise

Para a efetivação desse trabalho, foi desenvolvida uma oficina de audição, dança e interpretação de funks diversos. Durante a pesquisa e discussão com o alunado, foi detectado um número significativo de compositores e intérpretes das músicas classificadas como “as mais tocadas” em 2015.

Dentre as sugeridas ou escolhidas pelos alunos, podem ser citadas: "História real", de Mc Martinho; "Chove, chove, mas não molha", de Mc Koruja; "Eu sou a diva que você quer copiar", de Valesca Popozuda; "Ela é top", de Mc Bola; "Tentando enganar o amor", de Mc Bigô; "Ela faz coisas absurdas", de MC Pedrinho; "Que popô gigante", de Mc Bola-dinho; "Senta no talento", de Mc Catra e Mc Pedrinho.

Além desses que foram elencados pelos alunos, entre os nomes presentes na lista dos mais ouvidos estão nomes de mulheres como Aní-ta, Ludimilla, Valesca, Mc Carol, Mc Marcelly, Lexa, Mc Pocahontas, Mc Negaly e Mc Pikena.

Essa atividade pedagógica foi aplicada em três fases. A fase de sensibilização em que os alunos, após uma conversa inicial sobre a música e a dança como diversão de crianças e jovens, usaram o espaço da sala de aula para apresentar suas escolhas do gênero, lendo, cantando ou mostrando a música com o uso de aparelhos como o celular e data show; alguns até dançaram algumas coreografias, porém a maioria demonstrou receio devido o estilo das danças e a exposição frente aos colegas.

Nesse momento, expuseram opiniões sobre o comportamento das pessoas nos bailes e os comentários oscilaram entre o elogio, entendido como reforço positivo a um dado comportamento, a censura, normalmente em casos de agressividade ou sensualismo exacerbado e até mesmo questionamentos, provocadores de reflexões críticas. É perceptível, quase sempre, a reflexão referente aos motivos que poderiam induzir as pessoas a se prestarem a atitudes, segundo eles, um tanto degradantes nos bailes, o que demonstra a presença, em suas observações de determinados valores como recato e preservação do indivíduo, porém, a maioria considera divertidas e normais as atitudes dos participantes dos bailes, assim como, naturais as expressões utilizadas nas letras.

A segunda fase teve como objetivo principal conduzir o aluno ao entendimento da forma como a cultura do corpo é submetida por estratégias capitalistas, de manutenção de poder de classes. A interpretação dos

ambientes, dos tipos humanos estereotipados - social, econômico e culturalmente – protagonizados nas encenações dos vídeos conduziu ao entendimento para o aluno de como as pessoas são induzidas a exercer posturas em sua participação no mundo *funk* que só contribuem para a manutenção do status quo na sociedade.

Na realização dessa fase, foram estipulados dois momentos. Um destinado somente à audição prática do *Funk* e o outro para evidenciar a relação dinâmica do Funk com o contexto sociedade e dos indivíduos entre si. Como método eficaz para o entendimento pretendido, foram utilizadas duas estratégias: (i) tendo como foco a letra da música, foram solicitadas atividades como explicar as ideias presentes na letra, encenar a música ouvida. Depois, foi realizado um debate acerca do conteúdo transmitido pela letra analisada, provocando uma reflexão crítica dos alunos. (ii) tendo como foco a interpretação dos movimentos coreográficos, foi proposto que os grupos montassem uma coreografia com as músicas sugeridas. Após a apresentação, realizou-se um debate sobre os valores semânticos dos termos apresentados pelas letras e a sensação dos alunos ao serem adjetivados com termos como cachorra, popozuda, top, novinha, safadão, patrão etc. Consideramos o processo de discussão proveitoso, com opiniões diversas e o destaque dado foi para a violência – explícita ou velada – como valor mais caracterizado nos gestos e expressões, assim como a ostentação e o abuso da sensualidade.

Na terceira fase, sugerimos a escolha, entre as músicas trazidas pelos alunos, de duas letras para efeito de análise individual através de uma análise escrita, porém, a maioria preferiu que cada aluno escolhesse a letra a ser analisada devido à presença, ou não, de determinadas palavras sobre as quais preferiam escrever. Através desse texto, os alunos expuseram as opiniões relacionadas à aplicação de determinados termos enfatizados nas letras desse gênero musical. Responderam questões como: (i) O que significa tal palavra? (ii) Que valor essa palavra tem para você? E nas relações sociais? (iii) Em sua opinião, por que são utilizadas expressões desse tipo para se referir à mulher? (iv) E a mulher, por que ela age assim? (v) Esse comportamento atinge todas as classes sociais? Todo tipo de público?

Para a questão (i) sobre o significado das palavras, foram expostos:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- a) Novinha – menina ousada e com um “corpão”, mocinha de pouca idade que usa roupas provocantes e que frequenta determinados lugares mais apropriados para adultos.
- b) Recalcada e invejosa – mulher que tem inveja de outras mulheres pela beleza, produção ou *status*.
- c) Gostosa – refere-se ao corpo bem feito, dança de forma sensualizada, sabe provocar.
- d) Os termos *piranha*, *cachorra*, *puta profissional* e *filha da puta* referem-se, na opinião da maioria, àquelas mulheres que se expõem por conta do interesse material como dinheiro, carro, motoca, joias como as que agem ou se deixam usar como objeto sexual nos bailes.
- e) *Popô* e *popozuda* faz referência ao “bumbum” grande e bem feito usado como estratégia de atração masculina.
- f) *Xota* e *perereca* se referem ao órgão sexual feminino.
- g) *Mina* é a garota que frequenta os bailes.
- h) *Top* é a mulher nota dez, capa de revista e que arrasa no look.
- i) *Diva* é a mulher poderosa, invejada pela beleza, pelo status que detém entre os participantes dos bailes.
- j) *Falsificada* é a mulher que não detém as qualidades da diva e por isso a inveja.
- k) *Patricinha* é a garota rica que frequenta o ambiente dos bailes e se envolve com os homens da periferia.

A questão (ii) sobre o valor que os termos elencados tinham para o aluno e, na opinião dele, nas relações sociais, é possível considerar que os próprios significados atribuídos às palavras respondem por si só.

Na análise feita pelos alunos, as divas, poderosas e top correspondem às mulheres que, no contexto das baladas, se sentem e são valorizadas, principalmente pelos homens, invejadas e copiadas pelas outras mulheres que seriam as falsificadas, cuja beleza e brilho não seriam naturais como afirma a Valesca Popozuda nos versos de *Eu sou a Diva que você quer copiar*.

Ainda aproveitando a letra da referida música, ao sucesso decan-

tado (Pra ter sucesso, amor, tem que fazer direito) é atribuído a uma troca: a exposição física através da dança, das relações perigosas, a aceitação dos adjetivos pela obtenção de dinheiro, bens materiais como joias, roupas caras, circular em carros e motos.

Nas palavras das análises escritas “ela faz tudo que o homem manda por causa do dinheiro, carrão, pra ficar popular com os caras” e, ainda, sobre a valorização da sociedade, a opinião dos alunos confirma a transmissão/manutenção de mecanismos de poder social e sexista nos dizeres: “Valor? Nenhum, pois a sociedade olha muito para esse tipo de coisa”. “As mulheres são vistas como atração sexual e o valor é que a sociedade vai considerar ela como uma puta, vadia etc., mas ela faz tudo isso por dinheiro e para aparecer”. Há de se observar que os atributos masculinos - cachorrão, safadão, patrão, malicioso, maconheiro – conferem ao sujeito determinada valorização, ainda mais que a ele cabe o papel de mantenedor, aquele que detém a segurança econômica mesmo por meios ilícitos e sem formação profissional ou escolaridade avançada. Logo dispõe do status que lhe garante liderança, uma imposição agressiva revelada no vocabulário e na dança como também a facilidade de prática sexual no grupo.

Quando questionados em (iii) e (iv) sobre o porquê da utilização desse tipo de expressão para se referir à mulher e por que ela age assim, a resposta é quase unânime para (iii) em considerar que ela se desvaloriza quando se expõe, “agem como uma mulher sem respeito, sem noção do que os outros podem pensar” e para (iv), “para ser vista, pois gosta de se exibir, se mostrar”; “valorizar sua beleza”; “por dinheiro”; “porque não acha outro caminho e escolhe a ‘vida ruim’”.

Em (v), relativo à presença desse comportamento nas classes sociais e no tipo de público, a opinião da maioria é que essa manifestação é mais intensa nas camadas mais baixas da sociedade, o que pode ser comprovado através da mídia como programas de TV, em vídeos na internet e os temas desenvolvidos, assim como o próprio vocabulário presente nas letras, confere essa característica. Isso não inviabiliza a participação de determinado grupo da classe média e alta, porém em número muito menor. Essa questão pode ser considerada como consequência da realidade cultural e socioeconômica da sociedade do país.

Percebemos que o princípio da analogia, um dos princípios fundamentais da linguística cognitiva, se apresenta como princípio de aquisição de termos novos para explicar um elemento a partir de outro já co-

nhecido. Assim, fazemos um paralelismo entre elementos de significados diferentes para eleger um novo elemento, categorizado adequadamente para determinado contexto.

Temos por analogia o uso do termo “piranha”, no *funk*, referindo-se a mulher que age por *interesse material* relacionado ao tipo de peixe carnívoro e que pode sentir o “cheiro” de uma gota de sangue em 200 litros de água. O mesmo se dá com “cachorra”, referindo-se a mulher sem vergonha, fácil atribuindo inferência à cadela que, no cio, está disponível e muitos cães a procuram. Também faz referência à mulher escandalosa, briguenta, desonesta. Com relação ao termo piriguete, que seria a junção de “perigo” e “girl” (“garota”, em inglês), está a criação do significado de “garota perigosa”, mulher fútil, que só pensa em diversão e prazer.

5. *Palavras finais*

Considerando os estudos em linguística cognitiva e os procedimentos didáticos aplicados, foi possível percebermos que os valores semânticos lexicais exigem muito mais do falante que o mero conhecimento linguístico.

A análise dos dados selecionados permitiu a percepção da inter-relação de conceitos na formulação dos termos inovadores nas letras de *funk*.

É importante salientarmos a reflexão sobre cultura sendo a representação de todas as características de um grupo social como artes, vestes, culinária, hábitos, gostos musicais e comportamentos interacionais. Tudo isso pode ser conduzido e assimilado pelos indivíduos, inconscientemente, na criação e aplicação de termos que trazem, implícito, todo um jogo polissêmico apreendido com base na figura do iceberg de Fauconier (1997, p. 1), resultado das experiências físicas e sociais vivenciadas pelos indivíduos e tais termos, como os supracitados, carregam sentidos que são o resultado até de suas visões preconceituosas, sexistas, de perpetuação de determinadas formas de olhar o mundo e o outro.

Indo mais além, os estudantes detectaram o processo de alienação (quem sabe, poderíamos também chamar de estratégia de estabelecimento de posição político social), principalmente feminina, favorecida pela indústria cultural, como a forte tentativa de manutenção do status quo (social, sexual, econômico) por meio de mecanismos de poder, criados e transmitidos inconscientemente às gerações das camadas sociais, porém

isso foge ao objetivo de nossa discussão nesse trabalho.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ABREU. Antônio Suarez. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê, 2010.

AMARAL. Euclides. *Alguns aspectos da MPB*. 2. ed. Rio de Janeiro: Es-teio, 2010.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática. 1987.

_____. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são cli-chês lexicais. *Veredas*, Juiz de Fora, vol. 1, p. 9-21, 1997.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blend-ing and the mind's hidden complexities*. Basic Books, a Member of the Perseus Books Group, New York, 2002.

FERRARI. Lílian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo. Con-texto. 2011

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. 7. ed. Ma-drid: Catedra, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. *Veredas*, Juiz de Fora, vol. 6, n. 1, 2002. Dispo-nível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap032.pdf>>. Acesso em: 20-08-2015.

_____. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: SALIM, Neusa Miranda; NAME, Maria Cris-tina. (Org.). *Linguística e cognição*. 1. ed. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 49-77.